



As práticas da psicanálise nas instituições públicas

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/ UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Brasil)
E-mail: taniacs@openlink.com.br

A distinção entre psicanálise pura e aplicada perdeu muito de sua força no discurso psicanalítico lacaniano atual. Por quê? Penso que o desejo de alcançar as camadas da população mais desfavorecidas faz parte do esforço coletivo para construir uma sociedade menos desigual. Um outro forte motivo é o surgimento de uma ampla gama de sintomas, efeitos do discurso relativista pós-moderno e dos imperativos de gozo difundidos pela lei do mercado, que não se manifestam como sintomas individuais. Sou um toxicômano, um compulsivo sexual, um deprimido, um bipolar, um ansioso, me faz um membro de uma comunidade sintomática e não um sujeito do inconsciente afetado de um sintoma cujo sentido é singular. Pertencer a uma classe sintomática me designa automaticamente a um tratamento, que é o mais adequado para o grupo ao qual pertencço. Esta atitude prevalece nas instituições destinadas a tratar alcoolistas, toxicômanos, compulsivos (obesos, anoréticos, fumantes...), instabilidades de humor e depressões. Será que a psicanálise está à altura de reintroduzir a lógica do caso a caso e da singularidade do sujeito na cultura dos novos sintomas? Cada um dos três conjuntos de textos abaixo reúne três artigos que se concentram num aspecto do tema geral deste número 19 de *aSEPHallus*. O primeiro bloco concentra-se sobre a dimensão ética do tratamento em instituição. O segundo aborda a dimensão do corpo e o modo predominantemente narcísico do gozo na contemporaneidade. E o terceiro trata do estatuto do saber, distinguindo seu valor imaginário reprodutivo de seu valor inventivo inconsciente.

Marcelo Soares Cotta e Ilka Franco Ferrari abordam as questões relativas ao tratamento da toxicomania, com foco na atualidade em que se pode encontrar Comunidades Terapêuticas (CTs) orientadas pelo modelo genérico de George De Leon. Elas contam com um conjunto de regras bem estabelecido visando controle, formas de refrear os excessos vistos na toxicomania. A psicanálise, diferentemente, aposta na responsabilidade de cada um pelo seu excesso.

Waldir Périco e Abílio da Costa-Rosa analisam a existência de dois modos de tratamento psíquico na saúde coletiva: o tratamento "terapêutico alienante" e o tratamento "analítico singularizante", que é outro modo de produção clínica, resultado do paradigma psicossocial definido para-além da reforma psiquiátrica. Articulando Freud e Lacan ao materialismo histórico de Marx, além de subsídios da análise institucional francesa e da filosofia da diferença, os autores propõem

que o “tratamento alienante” reproduz as relações opressivas típicas do modo capitalista de produção, tamponando os sintomas e alimentando a readaptação social. O “tratamento analítico” visa o equacionamento dos sintomas e a produção de subjetividade singularizada, ou seja, a possibilidade de produção de “resistência” às práticas opressivas típicas ao laço social capitalista. Nesta mesma direção, Maico Fernando Costa e José Sterza Justo discutem os processos e modos de subjetivação na pós-modernidade, particularmente no que diz respeito à produção de experiências específicas de tempo-espço. Tem como referencial a psicanálise na perspectiva de Freud e Lacan. Com a aposta na psicanálise, podemos supor um sujeito do inconsciente, produtor de desejo, no indivíduo tomado por objeto.

Rita de Cássia dos Santos Canabarro e Marta Regina de Leão D’Agord, por sua vez, analisam as implicações das toxicomanias em termos de prazer e de gozo na relação do sujeito barrado (\$) ao Outro (A). Através da análise de material proveniente da escuta clínica em um Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Outras Drogas (CAPS-ad) e da leitura da obra *Almoço Nu*, de William Burroughs, pôde-se verificar que as toxicomanias representam uma tentativa de garantir um gozo que não requeira a passagem pelo Outro. Nessa tentativa, constata-se a dificuldade do toxicômano para lidar com a castração e ao gozo possível a partir dela, qual seja, o gozo fálico. Tais considerações permitem postular as toxicomanias como um novo invólucro formal do sintoma. Fernanda Arioli Heck propõe uma análise crítica de como a exigência de manutenção de um corpo belo permeia o imaginário social e interfere no modo de o sujeito posicionar-se na relação com a alteridade. Ela aborda a função do narcisismo na conformação da imagem do corpo próprio. Retoma a proposição de Miller (1997) que atribui ao corpo o estatuto de Imagem Rainha. Analisa como a montagem do fantasma interfere na sustentação da imagem do corpo, a fim de interrogar os momentos em que essa imagem vacila, claudica e tem sua integridade ameaçada. O olhar do Outro é determinante na conformação da imagem do corpo e na valoração desta pelo sujeito. A experiência psicanalítica aponta no sentido de uma destruição de imagens coaguladas em proveito de um insuflar de imagens que projetem novos ideais. Na mesma linha de investigação, Liliane Seide Froemming e Marisa Terezinha Garcia de Oliveira avaliam o deslocamento da noção de intimidade nas relações amorosas, observado em um caso clínico, suscitou a questão de estarem em curso novas formas de expressão destes laços. A tradição filosófica da amizade resgatada por Derrida aponta que da fusão associada ao amor surgiria o estranho, conceito freudiano, manifestado na angústia. Como o amor situa-se no registro imaginário e o sujeito ao se relacionar com os objetos – mercadoria do capitalismo exclui o outro do laço social, o estranhamento ocorreria pelo duplo no lugar de objeto.

Ana Isaura Benfica Teixeira e Cynthia Pereira de Medeiros apresentam o percurso teórico do conceito de saber na obra de Freud, com o intuito de retrazar sua gênese e buscar, no próprio texto, os modos de abordagem do conceito em questão. Na obra de Freud, o conceito de saber encontra-se associado de forma exclusiva ao inconsciente, sendo remetido ao desejo, e constituído a partir das investigações sexuais infantis sustentadas pela pulsão epistemofílica. Isso é muito esclarecedor, especialmente se consideramos a experiência de Suely Alencar Rocha de Holanda, Elza Maria do Socorro Dutra, Cynthia Pereira de Medeiros e Cynara Teixeira Ribeiro na prática analítica com grupos

de professores. O estatuto do saber como obstáculo imaginário ou como invenção a partir do desejo inconsciente é altamente relevante. A literatura psicanalítica analisada indicou, de um lado, que os efeitos imaginários inerentes à formação de grupos configurariam um obstáculo ao trabalho analítico. De outro, apontou para a possibilidade de invenção particular no contexto de uma escuta em pequenos grupos, orientada analiticamente, o que seria consequência da formação psicanalítica do praticante. Carolina Albuquerque Barbosa, Isa Gontijo Moreira, Pâmella Fernandes Freitas nos apresentam a resenha de *Romances familiares* e a construção fantasmática do sujeito. Podemos avaliar assim o impacto diferencial da criação inconsciente da fantasia nas relações do sujeito com o Outro e com seu próprio corpo, evidenciando-se o contraste com a prevalência do imaginário que caracteriza os novos sintomas, bem como muitas das abordagens institucionais que pretendem tratá-lo.

Obrigada a todos que nos enviaram seus trabalhos!

Tania Coelho dos Santos

Editora de *aSEPHallus*

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (nov. 2014 a abr. 2015). A prática da psicanálise nas instituições públicas. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 1(19), 01-03. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n19p01-03

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 08/09/2015 / 09/08/2015.

Aceito/Accepted: 19/09/2015 / 09/19/2015.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

